

Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA

SOBRE O TRABALHO DE MASSAS

BOLETIM de ORIENTAÇÃO POLÍTICA n.º 14

Editado pelo DOP

Junho-75



Índice

1. COMO DIRIGIR O TRABALHO DE MASSAS ?

As tarefas de um activista

Os objectivos gerais do trabalho de massas

O que é que isto significa?

2. O TRABALHO NOS QUIMBOS

Sobre o campesinato

3. FORMAS ORGANIZATIVAS NOS BAIRROS E NAS CIDADES

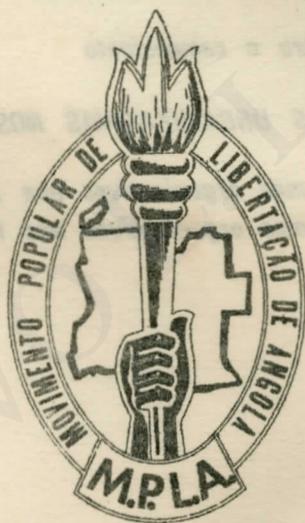
Formas organizativas nos bairros e musseques

Formas organizativas nas fábricas e empresas

*** SOBRE O TRABALHO DE MASSAS ***

Boletim de Orientação Política N.º 14

Editado pelo DOP • Junho / 75



Sobre o trabalho de massas

1. - COMO DIRIGIR O TRABALHO DE MASSAS ?

O activista, o militante revolucionário deve ter sempre em atenção a direcção política do trabalho de massas.

Uma má direcção política compromete todo o trabalho. Pelo contrário uma boa orientação política é uma condição essencial para alargar o trabalho, desenvolver a mobilização e a organização das massas. Só com orientação política justa é que se consegue mobilizar as massas, organizá-las, desenvolver a sua consciência política e chamá-las a formas de luta mais avançadas.

A direcção política justa do trabalho de massas pode resumir-se assim: "PARTIR DAS MASSAS PARA VOLTAR A ELAS".

Isto significa que para mobilizar as massas é necessário partir delas, partir dos seus problemas mais concretos, e dos problemas políticos mais sentidos, partir das duas necessidades e aspirações.

O activista que quer mobilizar as massas com um grau de consciência política atrasada, sem atender a isto não consegue realizar trabalho.

AS TAREFAS DE UM ACTIVISTA

A 1ª TAREFA DE UM ACTIVISTA é portanto inquirir, ir para o meio das massas, conversar, dialogar, detectar os problemas concretos das massas, perceber as suas necessidades e aspirações, perceber a sua insatisfação. Ao mesmo tempo que faz inquerito, o activista faz agitação, chama atenção das massas para as suas condições de vida e de trabalho, para a exploração e para a necessidade da luta.

A 2ª TAREFA DO ACTIVISTA que faz trabalho de massas é analisar os dados que recolheu e interpretá-los. Não interessa só saber que os operários daquela roça estão insatisfeitos com os salários, condições de trabalho, falta de assistência médica, problemas de discriminação racial por parte de capatazes racistas.

Não interessa só saber que os camponeses duma região

têm falta de água, não têm terras fixas para o cultivo porque foram roubadas pelos grandes fazendeiros, têm problemas de saúde, não têm escolas, são explorados pelos comerciantes ou pelas companhias estrangeiras, quando vendem os produtos que cultivam.

O activista tem que fazer a análise concreta da situação concreta, isto é, tem que interpretar os dados que recebeu; tem que concentrar esses dados e formular palavras de ordem correctas que, sintetizando as necessidades e aspirações das massas, sejam capazes de as mobilizar.

Assim o activista que foi fazer agitação na roça ou na fazenda entre os operários agrícolas e percebeu os seus problemas e necessidades deve, em ligação com operários mais aguerridos e activos, elaborar um programa prático com reivindicações (salário mínimo, exigência de assistência médica e medicamentosa, expulsão de capatazes racistas, 8 horas de trabalho, etc.). Com este programa que concentra as necessidades e aspirações dos operários agrícolas deve lançar-se uma movimentação de massas (por ex. uma greve).

Para isso há que desenvolver formas organizativas adequadas, há que organizar uma Assembleia de Trabalhadores, que deve defender o problema e a situação na roça, onde se nomeie uma Comissão de Trabalhadores que deve defender os interesses dos operários junto dos patrões, onde se discuta, a forma de luta a desenvolver.

Por outro lado o activista que faz trabalho junto aos camponeses, deve formular um programa prático de luta (por ex. realização de uma Assembleia de Camponeses e formação de uma Frente de Quimbo para tratar do problema de falta de água, redistribuição das terras, da formação de uma Liga de Camponeses, para vender os produtos mais baratos e livres da exploração, da constituição de uma Cooperativa de Consumo para adquirir artigos mais baratos, etc.). Assim à volta dos problemas concretos dos camponeses, é possível mobilizar os camponeses para a construção de órgãos locais de Poder Popular, a Assembleia e a Comissão de Camponeses; é possível desenvolver a luta pela redistribuição das terras, a luta pela melhoria das condições de vida, a luta contra a exploração; é possível arrastar os camponeses para o combate enquadrando-os politicamente.

Esta luta reivindicativa de massas deve ser bem conduzida e deve ser enquadrada politicamente na luta mais ge-

ral do Povo Angolano contra a exploração e a opressão.

Portanto A 3ª TAREFA DO ACTIVISTA é organizar a movimentação de massas, e chamar as massas a acção e construir as formas organizativas de massas, Assembleias, Comissões, e tc.

A 4ª TAREFA DO ACTIVISTA é organizar partitidariamente os elementos mais activos e aguerridos, constituir grupos de acção e Comitês de acção do MPLA.

São estas estruturas que devem dirigir, planificar e organizar todo o trabalho de movimentação de massas, de luta de massas. O activista deve portanto organizar grupos de acção com os elementos mais aguerridos em cada fábrica, em cada quimbo, em cada roça, em cada aldeia. Estes grupos de acção bem orientados são um factor fundamental do trabalho de massas. Sem eles não há trabalho de massas consequente e sistemático, profundo e que crie raízes.

Aqueles que pensam que basta ir a uma greve ou passar por um quimbo paradizer duas ou três bocas para se fazer trabalho político, cometem um grave erro. É preciso organizar os elementos mais aguerridos, é preciso formar verdadeiros dirigentes saídos das massas, é preciso formá-los politicamente e dar-lhes perspectivas, é preciso que eles encabeçam a luta de massas. Não basta fazer mobilização, não basta fazer agitação. É preciso também organizar. Só com a organização de grupos de acção a nível de base, mas grupos de acção bem orientados, bem dirigidos politicamente, grupos de acção acompanhados a par e passo pelos COPs, é que se está a fazer um bom trabalho de massas, é que se está a enraizar o trabalho político, a dar-lhe um suporte organizativo. Passar pelas fábricas de vez em quando, mesmo que nessas reuniões, se formem grupos de acção não é um método correcto. É preciso acompanhar os militantes nas fábricas, nos quimbos, é preciso fazer deles verdadeiros activistas. E só é um bom activista aquele que é um bom agitador, bom propagadista, bom mobilizador, bom organizador e bom dirigente político.

A 5ª TAREFA DE UM ACTIVISTA é estudar a teoria de luta de classes, e fazer trabalho teórico, é desenvolver a sua formação teórica e política para interpretar a sua prática, definir novas linhas de acção, estar sempre à frente dos acontecimentos e não à sua rectaguarda.

Para isso os activistas em ligação com os COPs, e con

soante as necessidades do trabalho prático, devem estudar as obras revolucionárias mais importantes, ver o que pode ser aplicado à sua prática de luta, devem escrever textos comentando essas obras e textos sobre a prática de luta naquele local, etc.

O trabalho teórico, o estudo e a leitura devem estar ligados à prática e servi-la. Não se faz trabalho teórico para se adquirir muitos conhecimentos e mandar bocas para impressionar pessoas. Isso é o que fazem os burgueses; não os militantes revolucionários.

OS OBJECTIVOS GERAIS DO TRABALHO DE MASSAS

Os objectivos gerais do trabalho de massas, na situação actual, são:

a) Fazer as massas participar activamente na luta política e desenvolver movimentações políticas (por ex. movimentações em torno de tomadas de posições anti-populares dos outros movimentos, luta contra as medidas repressivas do Governo, denúncia política e ligação dos outros movimentos com os reaccionários, denúncias políticas sobre a acção do Governo, etc.)

b) Desenvolver o movimento de Organização do MPLA, criando grupos e comités de acção por toda a parte.

c) Desenvolver organizar e enquadrar politicamente, as lutas económicas por melhores condições de vida e salários.

d) Criar, desenvolver e organizar as lutas em torno da construção de órgãos locais de PODER POPULAR - Assembleias Populares e Comissões Populares.

e) Criar, desenvolver em ligação com órgãos do Poder Popular, as milícias Populares, fazer as massas participar na auto-defesa e ligá-las com as FAPLA, ligar as FAPLA ao Povo

O activista que faz trabalho de massas deve orientá-lo atendendo à situação concreta de vida e de trabalho das massas, ao estado de organização popular, ao nível da consciência política, às condições de mobilização. Atender a isto não significa que o activista deve pôr-se a reboque do estado de organização e consciência das massas. Isso é reformismo. A função do activista é partir do estado de organi

zação e consciência das massas para trazer a luta de massas, a formas superiores e mais avançadas, para elevar o estado de consciência política das massas a um nível superior, ao nível revolucionário.

O QUE É QUE ISTO SIGNIFICA?

Isto significa que não basta as massas lutarem por melhores condições de vida e de salários. Não basta fazer a luta econômica. Enquanto as massas lutarem só por melhores condições de vida e de salários nunca conseguirão ter uma consciência política e avançada - UMA CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA - porque a luta econômica jamais dará às massas a consciência de que é preciso destruir o regime capitalista.

Enquanto as massas fizerem só luta econômica nunca terão consciência do papel do Estado e do Governo, da necessidade de derrubar o Estado dos Exploradores, da necessidade de destruir os fundamentos da opressão e da exploração.

Isto porque a luta econômica dá às massas uma visão estreita da luta, fá-las apenas perceber as relações com os patrões, quando é preciso que as massas compreendam as relações entre todas as classes, o papel do Estado e do Governo dos exploradores e a função de todas as classes sociais.

São reformistas todos os que fazem só luta econômica por melhores condições de vida e de salários, os que põem a luta política a reboque da luta econômica, os que não perspectivam a luta econômica, mostrando que a exploração não acaba quando o patrão desta fábrica ou daquela fazenda aumenta os salários porque o Estado, que é o Governo dos exploradores, amanhã faz leis por exemplo, sobe os preços, aumenta o custo de vida, anula os aumentos de salários, agrava ainda mais a situação de miséria e de exploração dos exploradores. Portanto é preciso que as classes revolucionárias façam não só a luta econômica mas principalmente a luta política, a luta pela destruição do regime de exploração, pelo derrube do Estado e do Governo dos exploradores. Enquanto não fizerem isto a exploração não pode acabar e A LUTA CONTINUA!

Mas também não basta perspectivar politicamente a luta econômica. É preciso promover a participação aberta das massas na luta política, é preciso desenvolver e organizar a luta política de massas.

A luta política visa mobilizar, organizar e dirigir,

as massas para a conquista do aparelho de Estado. A luta política educa politicamente as massas, eleva o seu nível de consciência, fá-las perceber a necessidade de destruir o Estado dos exploradores e o regime social que obriga os que na da têm; a venderem a sua força de trabalho aos que tudo possu em. A luta política faz as massas passarem do horizonte estreito das relações entre o patrão e os trabalhadores para o horizonte político mais vasto das relações entre as classes sociais, para a necessidade de união das classes revolucionárias, de todos os explorados.

Só a luta política dá às massas a verdadeira consciência revolucionária de que os seus interesses são antagónicos em relação ao regime capitalista e que é preciso destruir esse regime e assaltar o Poder e o Estado da Burguesia.

QUAIS AS FORMAS DE LUTA POLÍTICA QUE NÓS DEVEMOS LANÇAR DESDE JÁ?

Uma forma de luta política é a luta pela construção, de órgãos locais do Poder Popular. Mobilizando as massas, levando-as a participarem activamente nas Assembleias Populares, a discutirem os seus problemas, a tomarem decisões, a formarem Comissões de Bairro e Frentes de Quimbos, a procurarem governar-se a si próprias, a procurarem tomar nas suas mãos os destinos dos seus Bairros, Aldeias, Quimbos e Regiões, estamos a desenvolver uma luta política. As massas vão ganhando consciência da sua força e capacidade colectivas, vão aprendendo a governar-se e estão a preparar-se para a forma superior da luta política - O ASSALTO AO PODER DA BURGUESIA, O DERRUBE DO ESTADO DOS EXPLORADORES.

Mas para que de facto a luta pela construção de órgãos de Poder Popular seja uma luta política, é necessária a participação activa e organizada das massas. É preciso que os órgãos de Poder Popular não se burocratizem, não se coloquem acima das massas e decidam por elas. É preciso que sejam as massas a controlar as Comissões Populares e as Frentes de Quimbo a traçar as directrizes, a tomarem decisões gerais, em suma, a participarem activamente na luta política.

É preciso que a participação activa das massas seja acompanhada de um trabalho político que enquadre a luta pela construção do Poder Popular na luta mais geral do Povo Angolano, pela tomada do Poder do Estado.

Quando as massas não participarem, quando as Comissões Populares e Frentes de Quimbo agem pelas massas e substituem-se a elas, quando, mesmo havendo participação das massas, não há um trabalho político sistemático que enquadre politicamente a luta e não a deixe circunscrita aos interesses rasteiros e imediatos, então o processo burocratiza-se e a luta pelo Poder Popular não liberta a iniciativa e a energia criadora das massas, antes as mantém amarradas e limitadas.

A luta pela construção de órgãos do Poder Popular só poderão ser uma luta política se as massas participarem activamente, libertando a sua iniciativa criadora e se, através de um trabalho político sistemático em relação com a prática de luta, as massas perceberem a necessidade de destruir e saltar o Poder dos exploradores e construir o Poder dos explorados.

Outra forma de luta extremamente importante e que constitui um dos principais meios da educação política de massas, são as DENÚNCIAS POLÍTICAS E AS MOVIMENTAÇÕES POLÍTICAS DE MASSAS.

É uma função política extremamente importante de todo o activista consequente fazer amplas denúncias políticas, sempre que o Governo tome medidas reaccionárias e anti-populares contra os trabalhadores (por exemplo as medidas de militarização e policiamento dos locais de trabalho), contra os órgãos de Poder Popular (por exemplo as medidas repressivas, em relação às Comissões de Bairros), etc.

O activista deve fazer denúncias políticas e agitação política de massas sempre que os outros Movimentos tomam posições reaccionárias e anti-populares (acção de intimidação e aterrorização do Povo, espancamento, torturas, política tribalista, corrupção, intervenção nas lutas dos trabalhadores favorecendo os patrões, etc.)

O bom activista faz sempre um intenso trabalho de denúncias políticas (escritas e orais), promove a partir daí uma ampla agitação política de massas contra o Governo, contra o Estado, contra os Movimentos ao serviço dos exploradores, desencadeia e dirige movimentações políticas de massas (manifestações, greves políticas, etc.) que devem ser organizadas e não espontaneistas.

Na situação actual é mais imperioso do que nunca pro

mover a participação aberta das massas na luta política. Nós vivemos uma situação revolucionária, uma situação de profunda crise política, em que os factos políticos são intensos. É preciso que os activistas tenham a capacidade de fazer denúncias políticas a partir de cada facto concreto, fazer agitação política de massas, desenhá-las e dirigir movimentações políticas de massas: este é um dos meios para elevar a luta de massas a formas superiores e para educar politicamente as massas.

Falamos atrás do reformismo, dos que só fazem a luta económica e põem a luta política a reboque daquela. Dissemos que a posição justa é pôr a luta política como actividade essencial e fundamental do activista, o que não significa que se deve desprezar a luta económica. E isto porque a luta económica permite a mobilização de massas, a luta económica é um meio, é uma forma importante, (mas de maneira nenhuma a única), de mobilização das massas.

Para os reformistas a luta económica é um fim; para os revolucionários é um meio dos muitos que há para mobilizar as massas e arrastá-las para a luta política.

Há uma outra tendência muito nociva: é o ESPONTANEISMO. Para os espontaneístas as movimentações de massas são tudo; o que é preciso é a acção. Não interessam os objectivos desse movimento, não interessa a sua organização, não interessa a direcção política. Negam assim o papel de uma vanguarda, que deve organizar e dirigir as movimentações de massas. Sem uma vanguarda, sem serem organizadas e dirigidas politicamente, as movimentações espontaneas de massas nunca geram uma consciência revolucionária, nunca provocam o avanço da consciência política das massas; antes fortalecem a influência da ideologia burguesa sobre as massas. A consciência revolucionária e as concepções revolucionárias nunca aparecem por si só na luta espontanea das massas. As concepções revolucionárias têm que ser introduzidas do exterior da luta de massas pela vanguarda.

O culto da espontaneidade, o culto dos movimentos espontaneos de massas é um perigo muito grave, porque sem uma vanguarda que dirija e enquadre as movimentações e que introduza as concepções revolucionárias, a luta espontanea de massas não pode por si só ser uma luta revolucionária.

Os reformistas e os espontaneistas têm um ponto comum

-conseguem desviar as massas do objectivo político essencial da sua luta: *a conquista do poder, o assalto ao Estado da Burguesia*. Amarram as massas a formas de luta atrasadas que nunca darão às massas uma consciência revolucionária.

As concepções espontaneístas e reformistas são concepções oportunistas, estranhas à ideologia científica das massas exploradas. São concepções burguesas infiltradas e que visam objectivamente perpetuar a existência do regime capitalista e do Estado dos exploradores, porque afastam as massas da luta política para derrubar os fundamentos da exploração, e da opressão.

2 O TRABALHO NOS QUIMBOS

SOBRE O CAMPESINATO

O trabalho sobre o campesinato tem como base os quimbos e aldeias, porque é aí que vive a maioria dos camponeses cultivando a sua parcela de terra.

O Campesinato e em particular os camponeses pobres, são o mais importante aliado do proletariado e a força principal da Revolução.

No trabalho de mobilização e propaganda e organização do semi-proletariado rural deve atender-se a algumas características próprias desta classe, como por exemplo o facto de estar agarrada a preconceitos religiosos e tribais, influenciada por mitos e superstições, vivendo no obscurantismo e afectada a estruturas retrógradas e tradicionais.

No seio do campesinato estão muito divulgadas ideias como: a PASSIVIDADE face à exploração, o TRIBALISMO, o REGIONALISMO, a SUPERSTIÇÃO, a RECUSA por tudo o que seja novo. Isto coloca certas dificuldades à mobilização e organização de camponeses e: *A 1ª TAREFA do activista que faz trabalho no campo é INQUIRIR E CONHECER BEM A SITUAÇÃO LOCAL e o ESTADO DE ESPÍRITO DAS MASSAS CAMPONESAS*. Qualquer erro cometido no tratamento de preconceitos religiosos e tribais, no passar por cima de superstições e mitos tradicionais profundamente enraizados e que dizem muito aos camponeses, pode ser um passo atrás e pode comprometer seriamente todo o trabalho e é bom ter isso em conta.

Contudo devemos notar que a grande massa de camponeses vive em condições de exploração e miséria muito grande e está interessada em sair destas condições, em libertar-se da servidão e da exploração a que são submetidos pelas companhias e pelos comerciantes, em arrebatarem as terras férteis, em libertarem-se do dispêndio das companhias, em melhorarem as suas condições de existência.

Assim, a partir dos interesses imediatos dos camponeses, é possível mobiliza-los, organiza-los e arrasta-los para a luta.

No trabalho de inquérito o activista deve perceber, os problemas mais sentidos. Em linhas gerais o trabalho de inquérito deve ter em conta os seguintes aspectos:

- o regime de propriedade existente, posse de lavras e instrumentos agrícolas;
- emprego de mão de obra assalariada ou utilização apenas de mão de obra do camponês e família;
- verificar se o camponês trabalha na sua lavra todo o ano ou se vende a sua força de trabalho em certos períodos;
- verificar se a produção é em primeiro lugar para auto-subsistência ou se é para troca (caso café e algodão)
- no caso de produção para troca, verificar os preços praticados nos mercados rurais ou nos comerciantes, etc.

Deve ainda colher-se dados sobre:

- o problema das terras;
- o roubo das terras férteis;
- a sobrevivência de estruturas tradicionais;
- os preconceitos religiosos e tribais, etc.

O ACTIVISTA DE POSSE DOS DADOS COLHIDOS TEM DE INTERPRETÁ-LOS E EM LIGAÇÃO COM OS CAMPONESES MAIS AGUERRIDOS, FAZER UM PROGRAMA DE LUTA COM REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS A SEREM LANÇADAS E CAPAZES DE MOBILIZAREM OS CAMPONESES.

Paralelamente há que lançar, sempre em ligação com os

camponeses mais aguerridos, um amplo trabalho de agitação em que se mostre as condições de exploração e miséria em que vivem os camponeses, a exploração a que são submetidos pelos comerciantes e pelas grandes companhias, o roubo e a exploração das terras, a falta de condições de vida, a falta de água, escolas, hospitais, a falta de instrumentos agrícolas, para cultivarem os terrenos, etc., é a partir daqui que se mostra a necessidade da luta, a necessidade de se realizar uma ampla Assembleia de Camponeses para se discutirem os problemas do Quimbo e passar-se à acção.

Todo o trabalho de agitação e mobilização deve ser conduzido para a realização de uma ASSEMBLEIA de CAMPONESES, e para a criação de FRENTEs de QUIMBO.

A palavra de ordem control e prática de agitação e mobilização dos camponeses é a CRIAÇÃO IMEDIATA de FRENTEs de QUIMBO eleitos democraticamente pelas Assembleias de Camponeses e que devem passar desde já à realização de algumas tarefas.

Nas Assembleias de Quimbo discutem-se problemas, os problemas do Quimbo, e definem-se certas reivindicações imediatas, como:

- exigência ao Governo de abolição imediata do Imposto Geral Mínimo, do Imposto cobrado nas épocas das queimadas do Imposto cobrado nos Postos, etc;
- exigência ao Governo da criação de Posto Médico, escola, água e de fornecimento às Frentes de Quimbo de instrumentos agrícolas que sejam postos à disposição dos camponeses;
- exigência ao Governo do reconhecimento das Frentes de Quimbo.

As Frentes de Quimbo eleitas nas Assembleias de Quimbo devem tratar desde já dos problemas que mais afectam o Quimbo, devem tratar do problema das terras roubadas e da melhoria das condições de vida e trabalho no campo.

As Frentes de Quimbo são órgãos locais de Poder Popular que devem ser reconhecidas pelo Governo e que têm o poder e a força dos camponeses para confiscarem as terras roubadas e redistribuírem-nas. As Frentes de Quimbo ou de Libata devem estudar as possibilidades de vender directamente os

produtos ao Estado.

O desenvolvimento deste trabalho e a sua direcção exigem que o activista organize os camponeses mais aguerridos e activos em *Grupos de Acção do MPLA*. São estes grupos de acção que dirigem o trabalho de agitação e mobilização em torno da luta pela construção de órgãos locais de Poder Popular isto é *Assembleias de Quimbo e Frentes de Quimbo*, e da luta contra a exploração, criando *Ligas Camponesas*.

Mas além disto estes *Grupos de Acção* devem fazer um trabalho político mais avançado, devem mostrar às massas que a luta dos camponeses se enquadra na luta mais geral do Povo Angolano pela Democracia Popular, devem seleccionar as situações concretas de exploração no campo, com a exploração de que são vítimas todos os operários e camponeses, devem mostrar que a luta neste Quimbo ou naquela Fazenda se integra na luta mais geral do Povo Angolano contra o Imperialismo pela Independência Completa.

Estes *Grupos de Acção do MPLA* devem organizar grupos de leitura de propaganda revolucionária, os que sabem ler explicando aos que não sabem, devem falar da luta dos operários das cidades e das fazendas, devem falar de outras lutas noutros Quimbos, da necessidade da aliança dos operários com os camponeses.

Os grupos de trabalho do MPLA para além da propaganda partidária e da explicação do objectivo de luta na etapa actual devem, sempre que apareçam condições objectivas, lançar processos de denúncia política e de agitação política, sempre que o Governo tome atitudes contra os camponeses e as *Frentes de Quimbo*, sempre que o Governo não atenda às reivindicações e exigências, sempre que o Governo use métodos repressivos contra os camponeses e operários e as suas formas organizativas.

Estas denúncias políticas e agitação política devem fazer-se ouvir sempre que os outros movimentos ditos de libertação tomem métodos anti-populares e tentem destruir as formas organizativas do Povo.

No trabalho político deve estar sempre presente a ideia de que a luta por melhores condições de vida e a luta contra a exploração no campo, se enquadra na luta mais geral do Povo Angolano pela Democracia Popular e a ideia de que só a luta política dos operários e camponeses para conquistarem

o Poder e DESTRUIREM O ESTADO DOS EXPLORADORES, pode acabar com a exploração.

Devemos notar aqui que esta tarefa do activista de organizar Grupos de Acção do MPLA, que devem reunir os camponeses mais aguerridos e dirigir toda a luta no Quimbo e todo o trabalho político, deve ser posto em prática segundo as condições em que se faz o trabalho.

Assim nas áreas do Huambo e do Bié em que a UNITA tem força não vamos começar por fazer propaganda do MPLA e apresentar-nos como militantes do MPLA. Vamos lançar o trabalho de Inquérito, de agitação e de mobilização para as Assembleias e Frentes de Quimbo. Neste trabalho detectamos os camponeses mais aguerridos, recrutamos e organizamos estes elementos em Grupos de Acção do MPLA que desde logo dirigem todo o trabalho e colocam-se à cabeça da luta.

Quando o trabalho de construção de órgãos locais de Poder Popular estiver avançado e o Povo começar a perceber, pela sua experiência prática, que aquelas conquistas servem os seus interesses e que os Camaradas estão à frente da luta (e que temos já organizados em Grupos de Acção do MPLA) defendem as massas, na verdade, podemos fazer um comício do MPLA em que aqueles militantes da própria Aldeia apareçam a dirigir e a falar.

3- FORMAS ORGANIZATIVAS NOS BAIRROS E NAS CIDADES

a) Formas organizativas nos bairros e muceques

As formas organizativas nos bairros e muceques são as Assembleias Populares, as Comissões Populares de Bairro e as Auto-Defezas.

O trabalho de massas no bairro conduzido através das estruturas de activistas que aí se organizam deve dirigir-se no sentido da mobilização do povo para a Assembleia Popular de Bairro onde se discutem os problemas concretos e os problemas políticos mais sentidos (por ex. os massacres perpetrados pelas forças imperialistas) e onde se tomam decisões, e resoluções para fazer face a esses problemas.

Na Assembleia Popular de Bairro é eleita a comissão popular de bairro que põe em prática as decisões e resoluções da Assembleia Popular, que lança com a participação ac-

tiva do povo uma cooperativa onde o povo compra os produtos essenciais evitando a exploração dos comerciantes, que trabalham no sentido da resolução de problemas de água, luz, escolas, etc., que dirija a criação e desenvolvimento da auto-defesa (de massas sempre que possível) etc.

No bairro além das formas organizativas intermédias de poder popular (Assembleias, Comissões) devem lançar-se, também, através das estruturas de activistas já organizados as formas organizativas partidárias--grupos de acção, comités de acção.

A estrutura de activistas no bairro controla e dirige a luta pela construção de órgãos do poder popular e dirige também a formação de estruturas partidárias de massas.

b) Formas organizativas nas Fábricas e Empresas

Nas Fábricas através das estruturas de activistas já organizados lançam-se depois de um amplo trabalho de mobilização, as Assembleias de Trabalhadores e as lutas de massas contra a exploração.

Nas Assembleias de Trabalhadores discute-se a situação concreta na Fábrica, o caderno reivindicativo, a maneira de conduzir lutas. Discutem-se também problemas políticos, leis feitas pelo Governo, actuação das forças imperialistas, etc.

Nas Assembleias de Trabalhadores elege-se a Comissão de Trabalhadores que defende junto do patrão o caderno reivindicativo, que convoca as Assembleias de Trabalhadores, que organiza durante os intervalos de trabalho grupos de discussão política entre os trabalhadores onde se leem os jornais e textos revolucionários, etc.

Durante as lutas de massas nas Fábricas e Empresas, as Assembleias de Trabalhadores são muito importantes e devem assumir sempre perspectivas políticas e não perspectivas meramente económicas.

Nas Fábricas e Empresas através das estruturas de activistas já organizados devem ainda lançar-se formas organizativas partidárias - grupos de acção e comités de acção.

* * *



Publicação do Departamento de Informação e Propaganda - DIP